

## JAIME BATALHA REIS: LEMBRANÇAS DE LISZT ATRAVÉS DA IMPRENSA

Elza Miné<sup>1</sup>

**Período de recebimento dos textos:** 04/08/2014 a 31/10/2014

**Data de aceite:** 10/11/2014

**Resumo:** Vigoroso interventor cultural, J. Batalha Reis (1847-1935), membro da Geração de 70 portuguesa, começou desde muito jovem a atuar no jornalismo. Ao lado de aspectos sociais e políticos, a literatura, a pintura e a música merecem-lhe atenção privilegiada e competente tratamento crítico. Alguns de seus textos revestem-se de um caráter eminentemente memorialista, como o que a seguir se transcreve e que integra o volume de nossa autoria, *Memórias desarquivadas de Jaime Batalha Reis*, a ser proximamente publicado.

**Palavras-chave:** Jaime Batalha Reis, Geração de 70, Imprensa Portuguesa, artigos sobre Música, F.Liszt.

**Abstract:** Vigorous cultural intervenor, J. Batalha Reis (1847-1935), member of the Portuguese 70 Generation, started to work very young in journalism. Besides the social and political aspects, literature, painting and music received his privileged and competent critical attention. Some of his texts are of an eminently memoirist character, like the one transcribed below and integrating the volume of our authorship, *Unarchived Memories of Jaime Batalha Reis*, to be published shortly.

**Keyword:** J. Batalha Reis, the 70 Generation, Portuguese Press, articles about Music, F. Liszt.

---

<sup>1</sup> Professora Visitante do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT, Campus de Tangará da Serra

Prefaciador lúcido e brilhante das *Prosas Bárbaras* de Eça de Queirós, autor das páginas antológicas que escreveu para o *In Memoriam* de Antero de Quental, membro do Cenáculo, orador proibido das Conferências do Casino, co-fundador da *Revista Ocidental*, é sempre em estreita vinculação com a Geração de 70 portuguesa que se evoca Jaime Batalha Reis (1847-1935).

Desde muito jovem começou a atuar no jornalismo e pode-se sem dúvida afirmar que, permeando seus textos de imprensa e a elaboração de seus projetos, vamos sempre encontrar gestos concretos de intervenção cultural, revelando-nos o seu interesse e apoio a manifestações de inovação artístico-literárias surgidas em seu tempo. A variedade de assuntos e temas tratados liga-se diretamente à sua versatilidade como jornalista: ao lado dos aspectos sociais e políticos, a pintura e a música merecem-lhe atenção privilegiada e competente tratamento da informação e crítica.

Na verdade, Batalha Reis esteve sempre ligado ao mundo da música, quer em seus tempos lisboetas, quer nos 28 anos de carreira diplomática com residência na Inglaterra, a partir de 1883, até que se aposentou e voltou a viver em sua Quinta da Viscondessa em Torres Vedras, Portugal.

Aliás, o contato intenso com a Música, que pode manter sobretudo em Londres, expandiu, alimentou e sedimentou o seu interesse sempre claramente manifestado.

Guardou na memória, assim como fixou nitidamente, desde o aspecto físico, os intérpretes extraordinários a que teve a oportunidade de assistir.

Apresentamos a seguir, dentre outras por nós recolhidas e preparadas em edição fidedigna, algumas recordações de Liszt que publicou no jornal *A Luta* de Lisboa, em 1911. A transcrição feita conservou a pontuação original do autor atualizando, no entanto, a ortografia, de acordo com as normas vigentes.

Antes de darmos início ao texto memorialista de Batalha Reis, ao modo de epígrafe, convocamos trecho de uma carta sua ao pianista português Viana da Mota, seu grande amigo, com data de 8 de outubro de 1904:

[...] *Quanto aos pianistas*, tentei desenhá-los, retratá-los tais como eu os vi e conheci. Se esses retratos não ficaram mais parecidos é por culpa do meu fraco talento artístico e não dos vícios do meu método estético. É preciso acabar com as apoteoses idealizadas dos artistas ou de seja lá quem for. É preciso fazer verdade completa. Desenhei os Pianistas como desenhei o Eça de Queirós [...]

## **Franz Lizst Recordações**

Não havendo já agora em Portugal, muitas pessoas que conhecessem pessoalmente Liszt, terão talvez algum interesse anedótico as vivas memórias que conservo desse pianista único que foi, ao mesmo tempo, pelas suas

composições, o influente iniciador de muitas das novidades revolucionárias da música moderna.

Os anos de 1886 e 1887 deixaram-me inolvidáveis recordações artísticas:

Foi em março de 1886 que eu conheci pessoalmente Clara Schumann<sup>2</sup>, e em abril do mesmo ano, que conheci Franz Liszt, – os dois maiores representantes, ainda então vivos, de dois mundos de arte opostos e antagônicos.

De 18 de maio a 8 de junho, assisti, em Londres, a famosa série de concertos históricos de Anton Rubinstein<sup>3</sup>, ouvindo-o e vendo-o a 11, pela última vez na minha vida.

Exatamente um ano depois, despedia-me, em Londres também, de Hans von Bulow<sup>4</sup>, – o mais célebre discípulo de Liszt, – que eu conhecera, dez anos antes, em Nova York.

Morreram já todos esses imensos artistas e nem sequer existe em Londres a sala consagrada onde eu os ouvi a todos, – St. James' Hall, entre Regent Street e Piccadilly.

\*\*\*

Liszt tocara em Londres quando apenas criança de 12, 13 e 16 anos. Depois, pela última vez, em 1841, na Sociedade Filarmônica, onde, durante a Sonata a Kreuzer de Beethoven, executada com o norueguês Ole Bull, fora assobiado por alguns dos mais proeminentes músicos e críticos da Grã Bretanha.

Quarenta e cinco anos passaram.

Pelas 9 horas da noite de 3 de abril de 1886 entrava eu, pois, no vasto salão de concertos de Westwood House, que como as salas, adjacentes, estava já a essa hora cheio por uma multidão rumorejante. Suponho que todas as

---

<sup>2</sup>Clara Schumann(1819-1896) pianista e compositora romântica alemã. Era casada com o também compositor Robert Schumann.

<sup>3</sup>Anton Grigorevich Rubinstein, (1829-1894) pianista, compositor e maestro russo.

<sup>4</sup>Hans Guido Freiherr von Bülow (1830-1894) maestro, pianista e compositor alemão do período romântico. Foi um dos mais famosos maestros do século XIX. Pertencia à nobreza e foi diretor artístico e regente titular da Filarmônica de Berlim no período de 1887 a 1892. Sua atuação foi crucial para o sucesso de alguns dos maiores compositores de seu tempo, como Richard Wagner.

pessoas de alguma distinção, interessadas por arte na Grã Bretanha, – sem falar nos obscuros amadores da minha espécie, – aí se achavam reunidas.

O salão de concertos tem, num dos topos, uma galeria de acesso, e, no outro, um estrado onde se via um grande piano de cauda.

Estava eu no alto dessa galeria, olhando os grupos de pessoas, pela maior parte ilustres, quando uma imensa aclamação soou em todas as salas: Era Liszt que entrava.

Ao longe, junto do estrado, pude então ver, distintamente, a face amarela e os longuíssimos cabelos brancos do mestre, sorrindo tranquilamente.

Só muito depois consegui aproximar-me dele.

\*\*\*

Franz Liszt era, por esse tempo, espadaúdo, forte, parecendo baixo, com uma enorme cabeça de feições muito grandes e muito acentuadas: um volumoso nariz aquilino, dois largos olhos em órbitas profundas cobertas de sobrolhos ramalhudos, os ossos malares proeminentes e a boca, longamente fendida, de beiços finos, adiantando-se o inferior sobre um queixo prognata, quadrado, firme e voluntário, rugas bem cavadas das asas do nariz aos bordos da maxila inferior, e verrugas grossas, pilosas, por toda a parte: uma, colossal, na testa, uma, quase entre os olhos, no *chanfro do nariz*, uma ao canto do olho direito, uma junto à narina direita, outra na face esquerda, duas no rebordo da maxila, – e tudo isto, feições e verrugas, em permanente movimento expressivo: os sobrolhos, elevando-se admirativa ou imaginativamente, pautando assim a testa de rugas arqueadas, os olhos avançando, abrindo-se enormes e luminosos, ou recuando, na sombra das órbitas e, por vezes, cerrando-se, – de modo que todas as feições, harmonicamente e espetaculosamente, concorriam para a expressão dos mesmos sentimentos. E, ora tudo sorria, numa alegria moça e penetrante; ora, severamente, quase

terrivelmente, os olhos se lhe tornavam altivos e amargos, as rugas se lhe cavavam duras e sarcásticas, os lábios se contraíam; ora, tudo parecia colaborar, ironicamente, na frase rápida, aguda, espirituosa, que dizia; ora uma imensa melancolia lhe velava a vivacidade, e os olhos pareciam cansados das lágrimas choradas numa vida inteira... e tudo isto o transformava sucessivamente, alternativamente, num quarto de hora. Nunca vi mobilidade assim.

Todos os hóspedes de Westwood House se apertavam para ver e saudar o mestre supremo...

Mas, desde que eu também me aproximara de Liszt, sentia uma impressão absolutamente imprevista, quase fantástica: Quem eu via ante mim, movendo-se, falando, sorrindo, apesar da sua sobrecasaca preta, do seu colete abotoado, do seu curto e alvo colarinho eclesiástico, era um Índio, um índio como os índios que, dez anos antes, eu conhecera e tratara nas planícies a Oeste do Mississipi.

Eu viajara, com efeito, de 1876 a 1877, na América do Norte e vira muitos índios nas suas já então raras aldeias reservadas. O aspecto desses índios impressionara-me muito e era um aspecto igual que em Liszt, de súbito, empolgava estranhamente: Liszt apresentava a mesma face larga, de malares salientes, as mesmas feições grandes, pesadas, o mesmo longo nariz predominante, o mesmo queixo prognata e tenaz, os mesmos cabelos grossos e muito corredios, e, como esses cabelos, muito longos, lhe caíam sobre os ombros, davam-lhe o mesmo ar que às vezes me tornava difícil, quando as mulheres índias eram velhas, distingui-las dos homens da sua raça. E saía de tudo isto, e dava a tudo isto unidade, não sei que expressão bárbara, exótica, distante, indefinível de uma raça fundamentalmente diferente das raças europeias a que eu pertencia. E, muito naturalmente, achei-me a pensar que

Liszt era um húngaro, (*liszt* quer dizer “farinha”), descendente de Magiares, falando ainda hoje num idioma aglutinado, descendente de Hunos, Tártaros, Mongoloides, que talvez, há 20 ou 30 mil anos, cobrissem de populações errantes todos os continentes da Terra, e houvessem também sido os ascendentes dos Índios que eu encontrara, nas terras americanas do Vale do Mississipi.

\*\*\*

Quando a multidão começou a rarear, vi junto a mim Carl Halle, que eu conhecia havia anos, o ilustre pianista e regente de orquestra, então com 67 anos, que em 1846, iniciara com Alard e Franchomme os concertos modelos do Conservatório de Paris.

Foi Carl Halle quem então me apresentou a Liszt.

Ah! É português? É de Lisboa? – disse-me este apertando-me a mão efusivamente:

– Estive há mais de 40 anos na sua terra. 49 anos, veja lá!

E acrescentou, sorrindo maliciosamente:

– E querem que eu ainda toque piano com dedos de mais de 75 anos de idade!

E falou-me da beleza do clima de Portugal, da grandiosidade, da originalidade da Lisboa antiga, que ele visitara com atenção, e disse-me como ali havia conhecido *des gens charmants*.

E, a propósito, refletindo um momento, com a móbil fisionomia já melancolizada:

– Recordo-me, – disse-me, – de haver tocado num dos meus concertos em Lisboa, com um pianista... Viverá ainda? Tinha um nome italiano...

– Daddi? – Sugeriu eu.

– *C'est ça – c'est bien ça*, disse logo Liszt.

Informei-o de que ainda vivia Daddi, e de como ele era, ainda, um dos mais considerados e ativos professores de piano em Lisboa.

\*\*\*

Deram nessa noite, em Westwood House, ao mestre, um concerto de música sua, tocando Frederic Lamond<sup>5</sup>, então ainda muito novo, e Walter Bache<sup>6</sup>, o grande apóstolo de Liszt na Grã Bretanha. Os profetas precisam de apóstolos; aos grandes homens são necessários grandes entusiastas.

Walter Bache, – irmão mais novo de F. Edouard, compositor inglês copioso, – fora, por mais de 20 anos, o propagandista inglês das obras do Liszt. Era, quando eu o conheci, um homem de uns 44 anos, muito alto, espantosamente magro, com uma pequenina cabeça agitada, quase inteiramente calva, um pequenino bigode louro, dois longos braços gesticulantes, uma atividade vertiginosa.

Fora, como pianista, discípulo de Moschelles, em Leipzig, de Bulow, em Florença e de Liszt, durante 3 anos, em Roma. Desde 1865 dedicava-se a provar a geral hostilidade britânica pela música moderníssima, que Liszt era um dos maiores compositores de todos os tempos. Foi Bache que, pela primeira vez, nas Ilhas britânicas, fez executar os *Poemas sinfônicos*, a *Sinfonia-Fausto*, o *Psalmo XIII*, *St. Elizabeth* (em parte); foi ele que tocou os 2 *concertos* para piano e orquestra, a *Fantasia húngara*....

Nos primeiros 20 dias de abril de 1886 via-se Walter Bache por toda a parte: em Calais, em Sydenham, em Londres, em todas as recepções, em todos os concertos, em todas as casas onde Liszt entrava; viu-se tocando piano,

---

<sup>5</sup> Frederic Lamond Archibald (1868-1948) pianista clássico e compositor escocês.

<sup>6</sup> Walter Bache (1842 - 1888), pianista e maestro inglês, teve aulas particulares de Liszt na Itália entre 1863-1865 (um dos poucos alunos a tal autorizados) e continuou a frequentar cursos de aperfeiçoamento em Weimar, na Alemanha, regularmente até 1885, mesmo depois de iniciar sua carreira solo.

aplaudindo as execuções, vociferando *hurrahs*, escutando as apreciações, discutindo simpaticamente, rindo, agitando-se, – muito alto, muito magro, muito calvo, muito feliz, vertiginosamente... Walter Bache julgava assistir, enfim, ao triunfo da sua religião, a apoteose do seu deus... E morreu quase exatamente dois anos depois.

Na noite de 3 de abril em Westwood House, Liszt, fatigado da viagem e da multidão dos seus adoradores, retirou-se cedo, e nem sequer se aproximou do piano.

\*\*\*

Durante 17 dias, pode dizer-se que só pensei em Liszt: No dia 5 assisti a dois ensaios, e, no dia 6, a execução do Oratório *St. Elizabeth*, sob a direção do dr. Mackenzie e na presença de Liszt. Na noite de 8 estive na recepção e concerto oferecido a Liszt, por Walter Bache, na Grosvenor Gallery<sup>7</sup>. No dia 9 assisti ao concerto do pianista Emil Bach. Na tarde do dia 10 ouvi, no Palácio de Cristal<sup>8</sup>, *os Poemas sinfônicos, Prelúdios e Mazeppa*, dirigidos por Manns, o propagandista, em Inglaterra, de Händel<sup>9</sup> e Schumann<sup>10</sup>; à noite assisti à recita em honra de Liszt pelo *German Atheneum Club*.

No dia 12, de manhã, estive com Liszt, em casa do dr. Duka, presidente da Sociedade Húngara de Londres, e, à noite, no *Concerto Popular* de St. James, nessa noite, e na presença de Liszt, inteiramente dedicado a Beethoven, e interpretado ao piano, por Carl Halle.

---

<sup>7</sup> A Grosvenor Gallery, galeria de arte em Londres, fundada em 1877 por Sir Coutts Lindsay e sua esposa Blanche.

<sup>8</sup> O Palácio de Cristal, localizado em Londres, Inglaterra, foi palco da Grande Exposição em 1851, primeira grande feira internacional, e abrigou obras de arte, peças industriais e novas invenções do mundo inteiro.

<sup>9</sup> Georg Friedrich Händel (1685-1759) célebre compositor da Alemanha, naturalizado cidadão britânico em 1726. A primeira parte de sua carreira foi passada em Hamburgo, como violinista e maestro da orquestra da ópera local. Hoje é considerado um dos grandes mestres do Barroco musical europeu.

<sup>10</sup> Robert Alexander Schuman (1810-1856) músico e pianista alemão. Era casado com a também compositora Clara Schumann.

No dia 17 estive no Lyceum, vendo o *Fausto*, a 1ª parte da Tragédia de Goethe arranjada em inglês para Irving e a ovação clamorosa feita a Liszt, que ocupava o camarote real. No dia 15 F. Lamond deu um concerto, no dia 16 [ileg], no dia 19, a condessa Ali Sadowsta e o pianista Willem Coenen, – todos esses concertos exclusivamente dedicados à música de Liszt e na presença do mestre.

\*\*\*

Durante esses 17 dias excepcionais falei a Liszt muitas vezes e ouvi-o tocar piano.

Nunca tocou em concerto ou em lugares públicos onde houvesse audiências pagantes. Mas sempre que em qualquer sala, estivessem apenas amigos íntimos ou convidados, logo que pelos olhares ansiosos, pelos sorrisos expressivos, e pelo silêncio de expectativa dos que o rodeavam, Liszt compreendia que desejavam ouvi-lo, dirigia-se prontamente ao piano.

Quase sempre improvisava: de uma vez sobre motivos da sua *St. Elizabeth*; de outras sobre melodias populares húngaras. Ouvi-o tocar Schubert, (os seus *arranjos* de Schubert), e Chopin, e, está claro, algumas das suas composições originais.

É quase impossível dar, literariamente, as minhas impressões ao ouvi-lo: Vendo Liszt sentado ao piano, compreendi logo que me era difícil separar, da impressão que me impunha a sua personalidade, as ideias analíticas com que se devem estudar os artistas e desfiar as obras de arte.

Liszt dava-me a visão sintética do que me fora todo o mundo sentimental, desde que eu começara conscientemente a sentir. Tinha-o ali, pela primeira vez, diante de mim, sentado ao piano, com a face hierática, os longuíssimos cabelos, caídos sobre a sua sobrecasaca de abade como sobre um negro gibão do século XVI, a cabeça inclinada para trás, os olhos desviados do

mundo real, vagos no espaço, buscando invisíveis recordações ou evocando a inspiração; tinha-o ali tal como o havia tanta vez, imaginado, tal como vira nas descrições (apesar de irônicas), das *Noites florentinas* e das cartas de *Lutécia* de H. Heine<sup>11</sup> e nas cartas de George Sand, tal como vira nos retratos de Kriehuber, e em tantos outros. Liszt era, para mim, a aparição de um outro mundo, que eu devia julgar morto, mas que, de repente, me aparecia, na sua mais forte e completa realização. Toda a grande e dolorosa, e quase extinta família romântica, representada num só homem; uma vida inteira de fascinação, de paixão, de bondade heroica, de criação original; os mais brilhantes comentários do passado sentimental, todas as profecias do futuro da arte, estavam ali vivas, poderosas, diante de mim. E era através desta alucinação que eu escutava e que eu desejaria analisar o pianista?! “Analisar” para mim, entendamo-nos; porque nunca teria a pretensão de “analisar Liszt”, mas , “a minha impressão ao ouvir Liszt”.

Eu pertença à geração imediata, àquela que, quase ao mesmo tempo, (1845) ouviu Liszt e Thalberg, em Lisboa. Com a simplificação superficial que ainda hoje caracteriza os ouvintes pretensiosos, formaram-se, por esse tempo em Lisboa, dois partidos: o dos que admiravam em Liszt a execução, a técnica, como hoje ainda se diz; o dos que admiravam em Thalberg<sup>12</sup> a expressão, o

---

<sup>11</sup>Christian Johann Heinrich Heine (1797-1856) foi um poeta romântico alemão, conhecido como “o último dos românticos”. Boa parte de sua poesia lírica, especialmente a sua obra de juventude, foi musicada por compositores notáveis como Robert Schumann.

<sup>12</sup> Sigismond Thalberg (1812-1871) *virtuose* e compositor suíço, considerado em seu tempo como pianista de estatura equivalente a outros dois grandes nomes: Franz Liszt e Frédéric Chopin.

N.E: Logo a seguir a este artigo consta, na mesma página de *A Luta*, a seguinte nota:

VIANA DA MOTA

A matinée de domingo

Depois de amanhã, em matinée, que começa às 2 horas e meia da tarde, realiza definitivamente o seu último concerto o eminente pianista Viana da Mota. O programa é assombroso e entre as peças que nele figuram, Viana da Mota executará a célebre fantasia sobre motivos da ópera *Norma*, composição que Liszt, o seu autor, tocou em Lisboa, em 1845, no concerto que deu no

canto. Não posso agora discutir este assunto, – que foi, em tempo, muito discutido.

Sei apenas que, ao ouvir Liszt, esqueci esta ou qualquer outra distinção, esquecendo, completamente, o *virtuose* e o *virtuosismo*.

O que eu sentia, na execução de Liszt, era *todos expressivos*, comovidos, os quais, dada, sem dúvida, a violenta tensão idealizadora do meu espírito, me parecia formularem-se a uma grande altura psicológica... se acaso esta frase, que eu laboriosamente procurei para expressar a minha sensação, é clara e inteligível.

Na unidade desses *todos*, tudo se fundia, e eram, predominantemente, os grupos melódicos de sons que Liszt cantava ao piano que fundamente me comoviam. O que todo me tomou até as lágrimas, quando ouvi Liszt tocar, não foi a admiração por dedos que se habituaram a nítidos movimentos, a maravilhosas e rápidas combinações, mas a sensação de nervos que haviam conseguido encher os sons musicais de todas as suas mais comovidas vibrações.

\*\*\*

No dia 20 de Abril de 1886, às 10 e meia da manhã, na estação de Herne Hill do caminho de ferro de Chatham e Dover, despedi-me de Franz Liszt que partia na sua carruagem-salão, cercado de flores.

E nunca mais o tornei a ver.

---

Teatro de S. Carlos e que é das peças mais difíceis e mais belas que se conhecem para piano. Os bilhetes já estão à venda.